

## IV | A personalidade soberana

**A**té agora, indicamos alguns dos principais fatos que demonstram a todos os homens e mulheres inteligentes que o progresso científico e tecnológico é a característica essencial que distingue a economia da sociedade bem sucedida em relação a uma cultura fracassada e relativamente inferior.

Em um opúsculo escrito pelo autor, *In Defense of Common Sense* (Em defesa do senso comum), o leitor encontrará a definição elementar requerida para o termo *criativo*. Naquela obra, deixamos clara a diferença entre o argumento dedutivo - o grau mais baixo do pensamento racional - e a atividade mental criadora.

A descoberta de uma concepção científica válida completamente nova é a expressão de um processo que, pela sua própria natureza, ocorre inteira e unicamente dentro da mente de um ser humano individual. Não importa quão numerosas sejam as influências sociais externas que participam do desenvolvimento dos potenciais criativos e mentais daquela pessoa - a geração de um novo conceito é um processo que ocorre exclusivamente dentro da mente daquela pessoa pensante. Como já enfatizamos, o processo de geração daquela concepção é, geralmente, um processo *soberano*.

Essas duas concepções, *o papel do progresso científico e tecnológico* e o fato de que *cada ato mental criativo repre-*

*senta um processo soberano de uma personalidade individual*, constituem a essência de toda ciência econômica. Uma ciência econômica assim definida situa-se em uma forma singular de concordância com os princípios cristãos. Além disto, a ciência econômica foi, de fato, desenvolvida pelo cristianismo. Ainda mais, as evidências sugerem que, talvez, a ciência econômica não poderia ter sido desenvolvida exceto pela Cristandade. A essência desta conexão está expressa pelo *Filioque* do Credo Latino; apenas a Cristandade, por intermédio da visão de Jesus Cristo refletida neste aspecto daquele credo, é capaz de organizar a sociedade implicitamente de acordo com o princípio da soberania do indivíduo humano, definida como o fizemos aqui.

Quando nos escutamos proferindo solenemente palavras e locuções como *sobrevivência, interesse nacional, direitos individuais, direitos humanos, igualdade, liberdade* e assim por diante, o que realmente queremos dizer?

Dado o esboço precedente do assunto, deveria ser claro que o auto-interesse essencial do indivíduo é o auto-interesse implicitamente associado com essa noção de “processo criativo soberano” da personalidade individual. Exploremos agora, sumariamente, passo a passo, a forma pela qual se aduz este auto-interesse essencial.

Primeiramente, já que somos mortais e devemos morrer, o nosso máximo auto-interesse está associado ao melhor das produções da nossa vida, que deixamos depois da nossa morte. Esta doação que fazemos à nossa posteridade pressupõe que existirá uma posteridade para receber a dádiva. Tais reflexões nos guiam ao entendimento que estamos buscando aqui e agora.

Pensem nas produções que poderíamos, assim, legar. Comecem com a mais óbvia das questões implicadas.

*Esta produção pode ser um objeto?*

Suponhamos que um homem e sua esposa tomem uma terra inculta ou abandonada; suponhamos que este casal esteja criando ali uma família e transformem aquela faixa de terra inculta em uma fazenda fértil. Suponhamos que um arquiteto projete uma cidade, excelente na utilidade e nos méritos

estéticos, que possa sobreviver para benefício e admiração da Humanidade por vários milênios vindouros. São esses ou outros *objetos* valiosos, *enquanto objetos de per si*, os tipos de produção que desejamos legar à nossa posteridade?

É bom prover objetos úteis à nossa posteridade imediata, mas nenhum objeto poderia incorporar, meramente enquanto objeto, a qualidade de durabilidade quase intemporal, virtualmente inexaurível com respeito aos benefícios às futuras gerações. Deveríamos desejar que a nossa breve e mortal existência possa contribuir com algo benéfico virtualmente intemporal para as gerações futuras.

Esse assunto é examinado rigorosamente no referido opúsculo *Em defesa do senso comum*, com o resultado que se segue.

Qualquer *objeto* que façamos pode sucumbir ou se tornar relativamente inútil em virtude do desgaste tecnológico<sup>1</sup>. Em contraste, nenhuma descoberta científica válida de hoje pode jamais ser descrita como tendo sido historicamente desnecessária. Todas as descobertas científicas válidas serão superadas por outras mais válidas. Não obstante, cada uma delas constitui o fundamento necessário para todas as que lhe sucedam. Desta maneira, ela desfruta de uma esplêndida imortalidade no conjunto da existência humana.

Neste sentido, a descoberta científica válida de uma compreensão mais verdadeira da lei natural tipifica o fruto imortal de uma vida mortal. Neste sentido, o ato de contribuir para tal descoberta ou, até mesmo, para simplesmente operacionalizá-la, exemplifica por reflexão qual é verdadeiramente o auto-interesse essencial de qualquer pessoa. Isto é apenas uma reflexão; não é ainda uma representação adequada do auto-interesse verdadeiro e mais profundo, mas esta reflexão aponta o nosso pensamento para o caminho certo.

Até aqui, dissemos implicitamente que uma pessoa expressa o seu auto-interesse como uma personalidade humana individual apenas se ela estiver engajada em uma atividade que empregue o mesmo processo criativo soberano das faculdades da razão que associamos mais imediatamente com a

geração, transmissão e assimilação eficiente de formas válidas de descobertas científicas fundamentais.

Esse argumento implica, por sua vez, em que o único auto-interesse verdadeiro da personalidade humana é expressar, e também defender, a nossa própria natureza humana. Já que a Humanidade se coloca à parte e acima dos animais, unicamente pelo potencial para a razão criadora soberana da pessoa, somente a expressão e a defesa individual da supremacia desta razão criadora constituem uma verdadeira ação de auto-interesse para um membro da espécie humana.

Por razões pedagógicas e correlatas, consideramos aqui até agora apenas uma entre as expressões da razão criadora, aqueles tipos de descobertas científicas físicas fundamentais e válidas, comumente chamadas “cruciais” ou “revolucionárias”. Não pretendemos excluir ou descartar outras expressões da razão criadora. Estamos inferindo que o que for verdadeiro para o caso das descobertas científicas será também verdadeiro, para efeitos correlatos, para cada uma e qualquer das outras expressões individuais da razão criadora. Por esta razão, é possível apresentar a nossa defesa da ciência econômica como aqui o fizemos inicialmente, limitando a nossa atenção às implicações associadas com formas válidas de descobertas científicas fundamentais.

O sucesso de uma descoberta revolucionária válida na ciência física fornece implicitamente um conjunto de objetos úteis. Esses objetos podem ser julgados “úteis” apenas na medida em que, por categoria, elevem significativamente as capacidades produtivas de nossa espécie e, assim, tendam a incrementar a capacidade de auto-reprodução da nossa espécie. Isto define a noção de “utilidade” do objeto gerado como um subproduto da ação da razão criadora.

Consideremos um exemplo notável. A primeira física matemática abrangente é a de Johannes Kepler (1571-1630) (ver Anexo V). Em conexão com este trabalho de Kepler na fundação de uma física matemática abrangente, diversos instrumentos foram gerados como subprodutos do seu pensamento criativo, inclusive o primeiro computador mecânico.

O peso da influência de Kepler está no sucesso do método por meio do qual ele fundou a primeira física matemática abrangente. Isto é dito no sentido de que poderíamos ignorar todos os objetos úteis então gerados como subprodutos do seu trabalho, sem diminuir com isso a importância histórica permanente e a utilidade continuada das descobertas.

Até hoje, embora aperfeiçoamentos nos aspectos secundários da astrofísica solar de Kepler sejam necessários, a conceituação subjacente ao projeto de Kepler permanece essencialmente competente, ao passo que a de Newton e outras alternativas propostas no passado foram todas desacreditadas por meio da evidência experimental (ver Anexo V).

Consideremos a pré-história do computador digital.

Kepler projetou, construiu e utilizou a primeira calculadora mecânica. O mesmo princípio foi crucial para o projeto posterior de Blaise Pascal. Kepler e Pascal forem antecessores diretos de Gottfried Wilhelm Leibniz no desenvolvimento da calculadora mecânica. Os aspectos essenciais do moderno computador digital eletrônico não passam de uma aplicação dos princípios de Leibniz a dispositivos mecânicos.

Igualmente ilustrativo do mesmo argumento é o fato de que duas das contribuições mais duradouras de Kepler ao progresso científico foram problemas de que ele solicitou soluções aos seus sucessores: o desenvolvimento do cálculo diferencial e a solução das funções elípticas. Pascal contribuiu para estabelecer um cálculo diferencial kepleriano, seguido por Leibniz, cuja primeira descoberta bem sucedida deste cálculo se deu por volta de 1676 <sup>2</sup>. O domínio das funções elípticas foi conseguido por Carl Friedrich Gauss (1777-1855) *et al.*, durante a primeira metade do século XIX, mais de 200 anos depois de Kepler ter lançado o desafio.

Hoje, mais de 350 anos após a morte de Kepler, o seu método astrofísico também se demonstrou crucial para a correção dos insucessos comuns da mecânica quântica a respeito do núcleo atômico <sup>3</sup>.

Qualquer descoberta “revolucionária” válida na filosofia natural faz mais do que corrigir erros profundos de opinião em livros-textos populares contemporâneos. Cada uma destas

descobertas válida aumenta o rigor e a força criativa do método disponível para realizar novas e maiores descobertas “revolucionárias”. Este ponto se torna claro imaginando-se uma forma adequada de currículos secundários e universitários, dos quais a abominação conhecida como livro-texto didático seja proscrita.

Na ciência física, como também na geometria, o estudante domina a compreensão do assunto revivendo, tanto quanto possível, a experiência mental da descoberta original pelos descobridores originais. Neste enfoque, uma coleção de fontes originais substitui o livro-texto do curso. As experiências cruciais originais são revividas pelo aluno e versões experimentais melhores, aperfeiçoadas, das mesmas hipóteses cruciais são também pesquisadas <sup>4</sup>.

O mais importante é que as descobertas físicas devem ser realizadas graças ao reconhecimento de uma hipótese errônea embutida historicamente na suposta prova de um truísmo sagrado das certezas profissionais contemporâneas. Uma fundamentação nas fontes materiais históricas cruciais constitui, obviamente, a base virtualmente indispensável para o rigor científico.

Assim, o físico criativo estará sempre reexaminando periodicamente o trabalho de Kepler e dos predecessores de Kepler; neste e em outros empreendimentos socráticos análogos, estabelecem-se as fundações das seguintes revoluções científicas, atingindo, assim, os horizontes indefinidamente distantes do futuro.

Portanto, a essência do verdadeiro auto-interesse do cientista é a sua contribuição, como atividade criativa soberana, para avançar o processo infinitamente contínuo do progresso científico fundamental. Para reafirmar o assunto: a contribuição mais essencial que o descobridor científico pode fazer é, menos do que uma descoberta científica particular, uma melhoria nos princípios conhecidos por meio dos quais as gerações seguintes possam realizar novas gerações inteiras de descobertas científicas válidas e fundamentais. Desta forma, a pessoa soberana mortal torna a sua existência mortal indi-

vidual necessária, capaz de enriquecer a capacidade da espécie humana como um todo, para todo o sempre.

A forma pela qual uma vida mortal beneficia as gerações presentes e futuras deveria ser mais imediatamente óbvia. Por outro lado, a extensão deste benefício ao passado toca mais profundamente o objeto do nosso questionamento.

Voltemos a nossa atenção para os dois citados desafios que Kepler deixou aos seus sucessores: o desenvolvimento de um cálculo diferencial, realizado por Leibniz, e a solução geral das funções elípticas, resolvida essencialmente por Gauss *et al.* Leibniz e Gauss não beneficiaram Kepler de uma maneira imediatamente inteligível? A minha obra morre comigo ou é revigorada e continua a viver eficientemente por intermédio da obra dos meus sucessores? Kepler, claramente, precisava de um Leibniz, de um Gauss: no devido momento, cada um deles atendeu a Kepler.

Se e quando as relações entre os indivíduos ao longo do tempo, no futuro no passado, forem vistas nesses termos, a mortalidade deixa de ser assustadora. Para este autor, por exemplo, algumas das figuras científicas, como Nicolau de Cusa no século XV e Leibniz na virada do século XVIII, são como contemporâneos eficientemente vivos, de muitas formas, assim como figuras desconhecidas do futuro distante a quem este autor também fica moralmente devedor.

Dessa forma, a ciência confere uma qualidade *isocrônica* à ligação entre a obra de diversas pessoas, mesmo ao longo de grandes períodos do tempo passado e futuro. O mesmo vale em matéria de formas clássicas de arte e em todos campos que, por sua natureza, sejam verdadeiramente importantes para a espécie humana como um todo.

Como definiremos aqui o propósito desse desenvolvimento para o qual as faculdades criativas soberanas do indivíduo mortal contribuem tão *transfinitamente*? A resposta pode ser sintetizada em dois níveis sucessivos.

O primeiro nível representa uma vantagem física. A existência contínua da espécie humana depende do progresso tecnológico. Já consideramos uma ilustração deste ponto. O progresso tecnológico aumenta as capacidades produtivas per

capita da sociedade; ao mesmo tempo, o progresso tecnológico transforma e aperfeiçoa a natureza. Esse aperfeiçoamento é essencial, pois, caso contrário, a exaustão de variedades fixas dos chamados “recursos naturais” pelas atividades humanas nos condenaria.

O segundo nível, mais elevado, representa *uma vantagem espiritual*. É o desenvolvimento das qualidades do homem por meio das quais se realiza o ganho físico duplamente implícito.

O efeito final de um tipo fundamental de descoberta científica válida é o de aumentar a capacidade criativa soberana de virtualmente qualquer um que assimile tal descoberta. Destarte, por intermédio do incentivo ao desenvolvimento e expressão das capacidades criativas soberanas do indivíduo, o resultado final é o auto-incremento das faculdades criativas soberanas dos membros da espécie humana como um todo.

Reexaminemos, a seguir, o que já dissemos, introduzindo uma pequena, mas crucial mudança em nossa escolha de ponto-de-vista.